

XXIX Encontro Anual da ANPOCS

25 a 29 de outubro de 2005

GT22 – Sexualidade, corpo e gênero

E se o gringo for “negão”?

**Raça, gênero e sexualidade no Rio de Janeiro
segundo turistas afro-americanos**

Autor: Marcelo Ferreira

E se o gringo for “negão”? **“Raça”, gênero e sexualidade no Rio de Janeiro** **segundo turistas afro-americanos¹**

Introdução

O turismo étnico é, hoje, uma das áreas potenciais para o desenvolvimento da atividade turística nacional, quando o histórico interesse de “negros” norte-americanos pelo Brasil² amplia-se via massificação do produto turístico de recorte identitário. Esta comunicação apresenta parte do resultado da pesquisa realizada com turistas “negros” norte-americanos no Rio de Janeiro³, qual aponta para a forma com que estes turistas, enquanto consumidores, influenciam na reorganização do mercado turístico carioca por meio de demandas racializadas. Curiosamente, por trás de tais demandas desvelou-se um fundo político, marcado por papéis de gênero, que fornece instrumentos para o mapeamento inicial do “turismo sexual” envolvendo aquela população na Cidade Maravilhosa. A pesquisa aponta que este universo está basicamente dividido em dois grupos de turistas: o do “turismo étnico”, majoritariamente formado por mulheres; e o do “turismo sexual”, composto, com raras exceções, inteiramente por homens. Esta diferença sugere que a racialização imposta no “turismo étnico” seja uma exigência das mulheres

¹ Esta comunicação é parte integrante de minha dissertação de mestrado, de título homônimo, defendida no PPGSC/IMS/UERJ, em julho de 2005. Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, à exaustiva dedicação de minha orientadora, profa. Laura Moutinho, qual acreditou neste trabalho antes mesmo que eu o percebesse enquanto possível, em segundo lugar ao prof. Sérgio Carrara pela minuciosa leitura crítica imprescindível para o enquadramento “do foco” na reta final, e em terceiro lugar aos profs. Peter Fry, Jane Russo e Keneth Camargo pelo acompanhamento desta reflexão, de forma provocativa e indutiva, desde o seu início.

² Considero importante remarcar que, do início até meados do século XX, “a imagem do Brasil enquanto paraíso racial na realidade se tornou um mito importante para negros norte-americanos, dentre os quais muito poucos teriam visitado a América do Sul durante o séc. XIX ou início do próprio séc. XX”², como mostra David J. Hellwig, em seu livro *African-American reflections on Brazil's racial paradise* (Tradução minha). Ver Hellwig, D. (1992).

³ Meu trabalho de campo foi desenvolvido entre março de 2003 e março de 2005, sobre o qual apresento alguns dados no ANEXO 1 – Tabela dos grupos utilizados no trabalho de campo. É importante mencionar que minha inserção no *trade* turístico carioca, como guia local, permitiu-me realizar esta pesquisa baseado na metodologia da observação participante. A partir de 18 grupos que totalizaram 655 turistas “negros”, entendidos pelos agentes de viagens norte-americanos enquanto grupos de “turismo étnico” e vindos de diversas partes dos EUA, articulei o turismo e a antropologia no intento de “observar o familiar”, como já sugerido por Gilberto Velho (1978).

americanas e indica a preocupação delas em estabelecer identidades e constatar diferenças com os “negros” em lugares onde eles tenham participado da história, preocupação que não atinge os “turistas sexuais”. Esta comunicação tenta, sobretudo, se concentrar no mapeamento inicial de forma a possibilitar a identificação e demarcação dos dois segmentos propostos: “Turismo Étnico” vs. “Turismo Sexual”.

O turismo étnico no Rio de Janeiro

Os turistas que transitam pelas ruas da Zona Sul do Rio de Janeiro, na maioria das vezes podem ser identificados em meio à população nativa. Quando não pela evidência provida pela barreira lingüística ou pela câmera fotográfica, pela forma de vestir, pela forma de andar, de gesticular, pela combinação de todos estes fatores e... por que não, dentre tantos outros, pela cor da pele? O estereótipo de “gringo” para os cariocas, e quem sabe para os brasileiros em geral, passa definitivamente pela variável “cor”. Ao perguntar, casualmente, para vários brasileiros, como eles descreveriam um gringo, as respostas, ainda que diversas, quase sempre passam, em algum momento, pela cor da pele. Algumas mais pontuais: “...são muito ‘brancos!’” ou “São loiros e de olhos azuis...”. Outras, subjetivamente focadas nas relações raciais: “...ficam loucos com as ‘mulatas’...” ou “...adoram a nossa mistura ‘racial’”. No entanto, nunca imaginam ou mencionam um turista “negro”. Para além disto está o fato de que a representação social que os brasileiros têm de turistas estrangeiros articula poder econômico e prestígio, aqui entendidos como indicadores de classe social, o que de certa forma confere a esses indivíduos o *status* equivalente ao das camadas superiores da estratificação social brasileira. Suponho que a associação direta que se faz no Brasil entre “ser negro” e “ser pobre”, venha impedindo que o mercado de turistas “negros” norte-americanos seja pensado enquanto um valioso potencial⁴.

⁴ Em um pequeno artigo intitulado “Mercado de grupos étnicos”, que foi publicado no jornal *O Globo* em 14/9/2004, o ex-embaixador do Brasil nos EUA, Rubens Barbosa, discorre sobre a potencialidade para a exportação brasileira que o mercado “negro” norte-americano pode

O turista “negro” norte-americano tem a percepção de que as “relações raciais” no Brasil são tratadas com certa “invisibilidade”, o que eles apontam como negativo e indício de “racismo”. Esta percepção lembra o argumento de Marvin Harris⁵: um mecanismo que permite uma associação direta entre signos de *status*/prestígio e uma condição de “menos-negro”, esta última sendo representada por uma miríade de sinônimos tais como moreno, moreninho, mulato e daí por diante. Sinônimos que, nesta perspectiva, maquiam a descendência africana. Sinônimos que, para além de representar, **para os brasileiros**, uma miscigenação como dita o “mito das três raças”, representa a negação do “ser ‘negro’” **aos olhos dos “negros” norte-americanos**. Uma negação que se torna dupla, quando articulamos Harris com a afirmação de Peter Fry de que os símbolos étnicos no Brasil teriam sido convertidos em símbolos nacionais⁶. O impasse, no entanto, se dá devido à própria natureza dos roteiros “étnicos”: não somente a busca, mas sobretudo a identificação da herança africana, para encontrar esse “ser negro” no Brasil!, já que este “étnico” parece estar recortado desta forma mais por causa do “consumidor”, que por conta “do produto” de fato⁷.

A dinâmica de prestígio e estigma que é acionada pela variável raça quando um “negro” ocupa posição privilegiada na estratificação social brasileira entra em colapso quando esse “negro” é norte-americano. Uma dinâmica que, segundo Harris, permite que “negros” brasileiros sejam vistos como “menos negros” devido a fatores sócio-econômicos. No entanto, este colapso se dá, devido à tensão propiciada pelo arranjo quando o “negro” norte-americano, com

representar pela via do turismo. Ele afirma, dentre outras coisas, que: “A forte influência em nossa cultura por parte dos descendentes dos negros potencializam as possibilidades de exploração comercial desse diferencial mercadológico único no mundo, dadas as similitudes dos matizes das populações brasileiras e americanas...”. Ver Barbosa, R. (2004).

⁵ Em um livro chamado “*Town & Country in Brazil*”, o antropólogo Marvin Harris, ao desenvolver uma pesquisa nos anos de 1950 e 1951 no interior da Bahia, já teria apontado para a peculiaridade de que no Brasil “riqueza, ocupação e educação (...) têm, até certo ponto, o poder para definir a ‘raça’ e que “é devido a este fato que não existem grupos socialmente importantes [...] que sejam determinados puramente por suas características físicas” (Tradução minha). Ver Harris, M. (1971:126).

⁶ Ver Fry, P. (2001:43).

⁷ O “produto turístico” brasileiro é percebido de duas formas distintas: no Brasil é um “produto turístico nacional”, enquanto para o mercado “afro-americano” seria um “produto de turismo étnico”, esta demanda provoca um choque cultural entre as duas percepções.

posição sócio-econômica mais alta, não admite ser visto enquanto outra coisa senão “negro”. E para completar este quadro, reforçam sua “negritude” a partir de uma idéia de diáspora africana na qual os brasileiros seriam também componentes deste corpo maior que perpassaria as fronteiras nacionais, um corpo recortado pela “cor” da pele e, suponho, pela posição econômica.

É extremamente esclarecedor para o nosso problema, ler em *Feijoada e soul food 25 anos depois*, de Fry a frase: “**Não existe soul food no Brasil**”⁸, visto que ela nos dá a dimensão de que, apesar da existência do mesmo prato tanto no Brasil quanto nos EUA, eles de fato significam coisas diferentes. Ou seja: não existe turismo étnico no Brasil!

O problema está no fato de que este mercado existe e olha para o Brasil como “produto turístico” referencial. É aí que se apresenta o desafio para o *trade turístico*! Acredito que, de certa forma, é preciso ouvir um pouco mais o que pensam estes turistas, para tentar conseguir formatar um “produto turístico” que atenda às suas expectativas, visto que o cerne do produto “étnico” é sabido como constitutivo da cultura nacional.

Sabemos que os turistas “negros” norte-americanos estão olhando para o Brasil com “olhos” americanos e que com “olhos” brasileiros esta tensão talvez tivesse outras dimensões. Observado por um outro ângulo, nos damos conta que de repente temos “negros” (ainda que americanos) compartilhando dos estabelecimentos e serviços até então basicamente utilizados pelos “brancos” ou “quase-brancos” das elites cariocas. “Negros” que passam a ser “o cliente que têm sempre razão” e que precisam ter suas demandas sempre atendidas, o que combinado com o “ideal de democracia ‘racial’”, na qual a sociedade brasileira se acredita constituída, não abre espaço para o racismo.

E é importante ressaltar, aqui, que os turistas “negros” norte-americanos, por mais miscigenada que seja a sua origem, jamais se vêem como “quase-brancos”. Muito pelo contrário, se afirmam enquanto “negros” e vêem o mundo organizado a partir de um recorte racial em que as origens africanas, suas

⁸ Ver Fry, P. (2001:43).

supostas raízes, são extremamente valorizadas. Segundo a antropóloga Patrícia Pinho, “a ‘africanidade’ deles é tanta, e tão bem conferida é sua ‘autenticidade’, que permite a (con) fusão com a matriz, ou ao menos com o que se imagina dela”⁹. A autora também afirma que:

“Chamo estas pessoas de etno-turistas porque suas viagens são impulsionadas pelo desejo de encontrar elementos que possam ser utilizados para compor suas identidades étnicas negras, identidades estas que são ao mesmo tempo racializadas e centradas numa idéia específica de África como terra-mãe e centro emanador de negritude essencial.”¹⁰

Temos aqui, então, um impasse constituído: turistas “negros” norte-americanos, de alto poder aquisitivo, que estão interessados em resgatar aqui no Brasil as “reminiscências africanas” que, segundo eles, teriam se perdido nos EUA, experienciando o *ethos* “branco” ou “quase-branco” das elites cariocas, leia-se “onde se organiza” o turismo, no intuito de encontrar uma “africanidade” que estas mesmas elites posicionam no passado, ou no outro, e não reconhecem em si mesmas. Ou seja, o turismo “étnico” no Rio de Janeiro está começando a se construir devido a esta demanda do mercado “afro-americano”... está nascendo. Como ficará claro nas próximas páginas, existe também no “turismo étnico”, um forte componente de gênero. Em especial, um certo tipo de demanda calcada em um certo diferencial de gênero que coloca o “turismo étnico” em confronto com o chamado “turismo sexual”.

⁹ Em um artigo intitulado “Pesquisando o turismo étnico na Bahia”, a autora confessa ter confundido turistas “negros” americanos com africanos devido ao ostensivo uso do que na Bahia são entendidos como signos de “africanidade”. Ver Pinho, P. (2002).

¹⁰ Idem. *Paper* apresentado no “Colóquio Internacional Atlântico Negro – A Construção Trans-Atlântica das Nações de Raça e Anti-Racismo”, no Senegal em 2002.

Demarcando limites: “turismo étnico” vs. “turismo sexual”

Para pensarmos o universo dos turistas “negros” que visitam a cidade do Rio de Janeiro, primeiramente se faz necessário visualizar uma subdivisão crucial para sua compreensão, visto que meu trabalho de campo apontou dois grupos independentes visitando a cidade. O primeiro, é o segmento do “turismo étnico”, representado por aqueles turistas que visitam a cidade com o programas de foco “afro-brasileiro”, que foi o objeto inicial deste estudo. No entanto, com o decorrer da pesquisa, pude perceber a sutileza que demarcava a existência de um outro segmento, que talvez não seja prematuro chamar de “turismo sexual”¹¹. Foi preciso, então, tentar estabelecer um caminho que pudesse possibilitar a delimitação referente a estes dois segmentos, de modo que facilitasse a compreensão de ambos e que permitisse continuar minha reflexão sobre aquele primeiro.

No que diz respeito ao segmento do “turismo sexual” irei me apoiar, sobretudo, no estudo pioneiro de Adriana Piscitelli, visto que a autora compartilha uma linha de pensamento em que este “é conceitualizado como qualquer experiência de viagem na qual a prestação de serviços sexuais da população local, em troca de retribuições monetárias e não monetárias, seja um elemento crucial para a fruição da viagem”¹². Além dos estudos de Piscitelli, utilizarei os artigos “Nossa Senhora da *Help*: sexo, turismo e deslocamento transnacional na orla de Copacabana” (2004a) e “A mistura clássica: o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual” (2004b) ambos, produzidos por Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva, e circunscritos ao universo do “turismo sexual” em Copacabana, no Rio de Janeiro.

É preciso ter clara consciência de que os propósitos, as características e a dinâmica aos quais se circunscrevem aqueles turistas interessados no “turismo étnico”, nada, ou muito pouco, têm a ver com os do universo do mercado do sexo e dos afetos no Rio de Janeiro. É bem verdade que algumas vezes os dois universos apresentam fronteiras que se “borram” a ponto de se confundirem,

¹¹ Ver Piscitelli, A. (2001:4).

¹² Idem.

visto que um “turista sexual” é, antes de qualquer coisa, um “turista”. No entanto, ao observarmos e articularmos determinado conjunto de fatores no meio em que se dão estas dinâmicas, é possível uma aproximação maior ou menor do “universo do turismo sexual”. Penso não ser correto pretender que o “etnoturista” que vem à “Cidade Maravilhosa” e que não tenha nenhum envolvimento com a prostituição praticada na “orla da Baixa Copacabana”¹³, em última instância, não tenha como ser diferenciado daquele que vem especificamente com propósitos sexuais¹⁴. Gostaria de deixar claro que em momento algum tive a intenção, neste estudo, de hierarquizar ou valorizar o “universo do turismo sexual” em oposição ao do “turismo étnico”. No entanto, considero oportuno pontuar que ambos os universos são perfeitamente identificáveis, não cabendo se deixar enganar pelo “discurso da invisibilidade do turismo sexual”, já criticado por Blanchette e Silva em “Nossa Senhora da Help”. Além disto, durante meu campo, apareceram suposições de que o “turismo étnico” não estaria sendo incentivado pelas vias governamentais devido à crença de que este estaria aumentando o universo do turismo sexual. De fato, como veremos mais adiante, é sabido que o número de “turistas sexuais negros” teve um aumento significativo nos últimos anos; no entanto, como demonstrarei nas páginas que se seguem, é um grave equívoco pensar que este aumento esteja relacionado com o que aqui estou chamando de “turismo étnico”, e que não incentivar o crescimento deste segundo teria qualquer influência no avanço do primeiro.

Dito isto, é preciso fazer algumas ponderações sobre o tema: (1) Nem todo turista “negro” norte-americano no Rio de Janeiro é um “etnoturista”; (2) Existem aqueles turistas “negros”¹⁵ norte-americanos que vêm ao Rio de Janeiro exclusivamente para o “turismo sexual”, e que nada têm a ver com o “turismo étnico”. Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva, afirmam que “nos últimos dez anos houve uma onda crescente de turismo sexual no Rio de Janeiro

¹³ Para referências sobre a prostituição em Copacabana ver Gaspar, M. (1984); Blanchette e Silva (2004a).

¹⁴ Ver Blanchette e Silva (2004a:2).

¹⁵ Ver Blanchette e Silva, retirado da internet (http://www.leituracritica.net/lc041210_artigo3.php) em 16 de maio de 2005.

protagonizado por norte-americanos negros”; (3) Alguns “etnoturistas” podem se transformar em “turistas sexuais acidentais”¹⁶, durante a estadia, devido às circunstâncias. Esta expressão é utilizada por Thaddeus Blanchette e Ana Paula Silva em referência ao turista que “explica o fato de estar à procura de garotas de programa pela conjuntura de estar no Rio de Janeiro (cidade onde o sexo livre e abundante é considerado ‘natural’ ou ‘normal’)” e que considera o acontecido como “algo excepcional, não esperado no decorrer da vida normal”.

Para além disto, está o fato de que os “turistas sexuais ‘negros’ norte-americanos se mostraram como um interessante exemplo de negociação na tensão existente entre o ‘modo bi-polar’ e o ideal de ‘democracia racial’”.

Para entrar em tal discussão, precisamos definir o quadro teórico pelo qual adicionaremos ao nosso repertório o eixo sexualidade. Vejamos:

Afirmando que “nossas definições, convenções, crenças, identidades e comportamentos sexuais [...] têm sido modelados no interior de relações definidas de poder”, Jeffrey Weeks, em um texto intitulado “O corpo e a sexualidade”, mostra, dentre outras coisas, a sexualidade como uma construção social e assinala sua centralidade para o modo como o poder atua na sociedade moderna. Segundo ele, as relações de poder, em particular no que diz respeito “às suas conexões com gênero, classe e ‘raça’, tornam-se significativas para a definição do comportamento sexual”¹⁷.

O autor desenvolve de forma instigante como “nosso conceito de sexualidade tem uma história”, argumentando que uma variedade de linguagem nos diz “o que o sexo é, o que ele deve ser e o que ele pode ser”. Assim como Carole Vance¹⁸, aponta a “História da Sexualidade” de Michel Foucault como um marco teórico da abordagem do “construtivismo social” no contexto da história e da sociologia da sexualidade. E, ao citar o referido autor, afirma que o sexo oferece “um meio de regulação tanto dos corpos individuais quanto do comportamento da população como um todo”. O poder, diria ele, “atuaria através de mecanismos

¹⁶ Ver Blanchette e Silva (2004:17).

¹⁷ Ver Weeks, J. (1999:38).

¹⁸ Ver Vance, C. (1995:12).

complexos e superpostos”, produtores de estruturas de dominação e subordinação nas quais “três eixos interdependentes têm sido vistos, atualmente, como particularmente importantes: os da classe, do gênero e da raça”¹⁹.

Weeks acrescenta, ainda, que nossa cultura atribui extrema importância à sexualidade, a qual seria “construída como um corpo de conhecimento que modela as formas como pensamos e conhecemos o corpo” e que a mesma, por sua vez, “é modelada na junção de duas preocupações principais: com a nossa subjetividade e com a sociedade”²⁰. Ou seja, que os debates sobre sexualidade seriam debates sobre a natureza de determinada sociedade, na qual o poder atuaria por meio de mecanismos complexos e superpostos de controle, produzindo subordinações e resistências. A sexualidade estaria entremeada por relações superpostas de poder, nas quais a questão da diferença seria central no jogo de forças que determinam os padrões sociais. As diferenças de classe, gênero e “raça” nessas relações de poder são determinantes no que diz respeito à forma como a sociedade constrói certos padrões de comportamento e demonstra a complexidade das forças que modelam as atitudes e o comportamento sexual.

Minha intenção ao utilizar aqui os “turistas sexuais ‘negros’” norte-americanos é a de materializar a complexidade desses três eixos propostos por Weeks: (1) O fato de serem norte-americanos é significativo para o eixo classe. Ainda que em uma perspectiva de relações internacionais, se pensarmos no par de oposição EUA/Brasil no contexto que estou propondo, a diferença de classe é explícita e abre espaço para uma reflexão sobre as relações de poder Norte/Sul no que tange ao “turismo sexual”. Piscitelli toma como base o trabalho de Truong (1990) para vincular o turismo sexual “às relações entre homens de países desenvolvidos e nativas de nações pobres à prostituição”, considerando o “resultado de uma série de relações sociais desiguais, incluindo relações entre Norte e Sul, capital e trabalho, produção e reprodução, homens e mulheres”.

¹⁹ Ver Weeks, J. (1999:55).

²⁰ Ver Weeks, J. (1999:51-52).

Esta visão se articula perfeitamente com a superposição de poderes proposta por Weeks; (2) O fato de serem “negros” possibilita rever como se dá a relação de poder ao acionarmos o eixo “raça”, visto existir uma variação curiosa no clássico par de oposição Homem/Branco/Estrangeiro/Opressor e a Mulher/Mestiça/Brasileira/Oprimida²¹, sob os quais operam tanto a historiografia brasileira clássica²² quanto os estudos sobre “turismo sexual”; (3) Já com relação ao eixo gênero, estou partindo da afirmativa de Joan Scott de que este não pode ser considerado como um subproduto de estruturas econômicas²³, e como veremos a seguir, no caso dos “grupos de turismo étnico” no Rio de Janeiro, os papéis de gênero se mostram muito bem marcados neste mercado.

Ainda que não tenha se referido a “negros” estrangeiros, Laura Moutinho já apontou esta variação no par de oposição clássico existente na historiografia brasileira. Em seu livro *Razão, "cor" e "desejo"*, a autora apresenta um par de oposição que inclui o homem “negro” brasileiro na relação afetivo-sexual “inter-racial”, ampliando a compreensão das relações sociais e raciais no Brasil e tomando por via a sexualidade, o erotismo e o desejo circunscritos a essa combinação²⁴. Ao pensar sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais”, a autora mostra como alguns autores “perceberam as idéias de ‘raça’, mestiçagem e erotismo como temas centrais da constituição da nacionalidade brasileira” em determinados momentos de suas reflexões. Tendo como foco de sua atenção o “casal miscigenador”, analisa os escritos desde o chamado “pai do racismo” científico, Conde de Gobineau, até às *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, passando por Nina Rodrigues, Oliveira Vianna, Paulo Prado e Gilberto Freyre. A autora mostra como, nesses clássicos, a categoria mestiçagem emerge enquanto a “linguagem que orchestra as diferenças e hierarquias entre os sexos” e como “foram fundamentais na constituição de nossa idéia de nação”.²⁵

²¹ Ver Moutinho, L. (2004:cap. 4).

²² Ver Moutinho, L. (2004:cap. 2).

²³ Ver Scott, J. (1995:80).

²⁴ Ver Moutinho (2004:cap. 4).

²⁵ Ver Moutinho (2004:cap. 2).

Dei-me conta da importância de se tratarem de dois subgrupos de turistas “negros” distintos ao ser interpelado por um amigo com relação ao tipo de turista que estava estudando. Vejamos:

“É verdade, tem muitos turistas ‘negros’ norte-americanos em Copacabana! É incrível que eu não tivesse percebido antes. Depois que soube do que se tratava sua pesquisa, comecei a me dar conta de como podem ser claramente identificados pelas ruas.”

“[...]o engraçado é que estão sempre em grupos de dois ou três homens. Pode observar, são sempre grupinhos pequenos! Mas, me explique uma coisa: só vêm homens?”

É verdade que ao andarmos por Copacabana, como já mencionado anteriormente, deparamos com uma quantidade singular de turistas, visto estar ali o termômetro do turismo nacional. Também é verdade que, dentre os turistas que por ali transitam, encontraremos uma quantidade significativa de “*African-Americans*”. No entanto, o grupo ao qual tinha me dedicado em princípio neste trabalho, não eram os pares ou trios só de homens que são vistos durante todo o dia em Copacabana, mas sim um outro subgrupo que, na maioria das vezes, tem uma programação tão intensa que muito pouco tempo livre lhes resta para circular pelas ruas do bairro .

Outro fator importante que me fez incluir esta reflexão inicial sobre o “turismo sexual”, no que tange turistas “negros” norte-americanos, foi o fato de que os grupos que fizeram parte do meu campo terem sido incluídos aleatoriamente²⁶. São as agências que escolhem os guias e, devido a esta dinâmica, acabei sendo agendado para o carnaval de 2005 para trabalhar com um grupo de “negros” atípico para este mercado, visto que a maioria dos participantes eram

²⁶ Os Guias de turismo no Brasil são profissionais autônomos. Ou seja, organizam suas agendas de trabalho conforme a ordem em que os mesmos lhes são ofertados; assim, sempre dependem de serem chamados por uma ou outra agência. Trabalham para várias agências, o que faz com que a primeira a ligar e reservar certo período, seja a escolhida.

homens, contrariando uma das características principais dos grupos de “negros” norte-americanos, que é ser majoritariamente formado por mulheres sozinhas e mulheres que vêm acompanhadas por membros da família (marido ou filha ou irmã). Este grupo do carnaval de 2005 tinha, entre seus componentes, 80% de pessoas do sexo masculino. Uma inversão, se comparado a todos os outros grupos do meu campo.

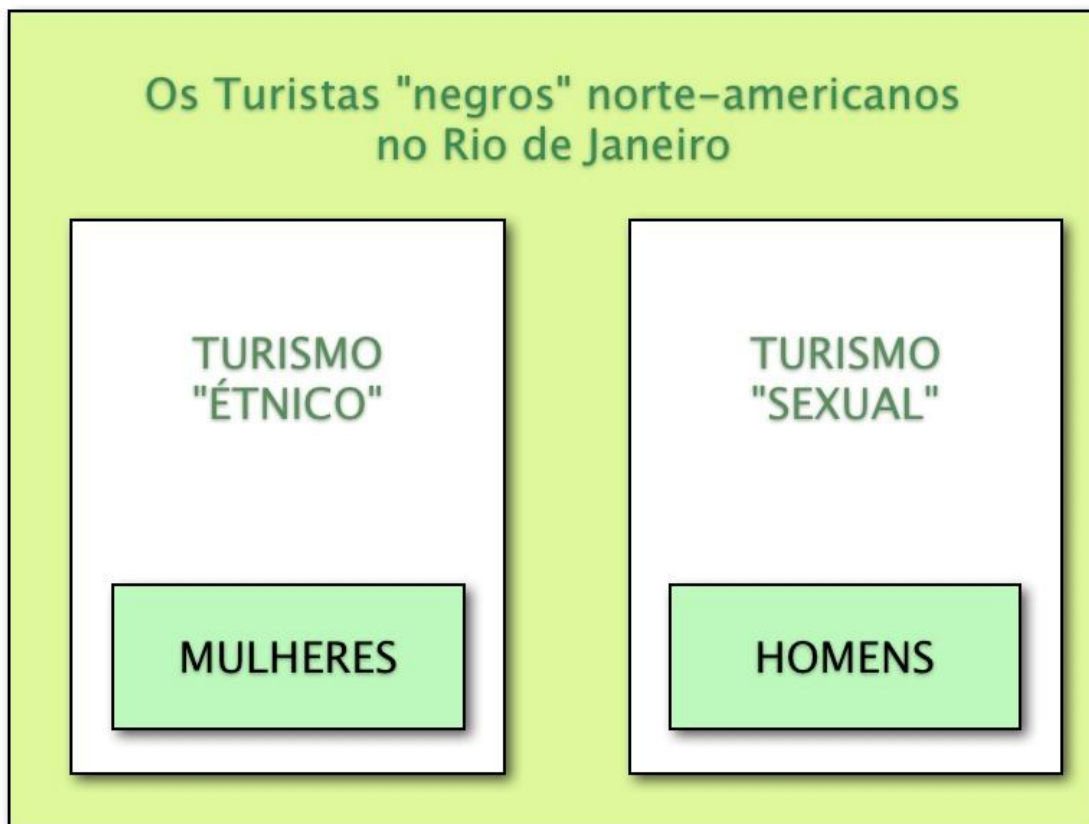


Fig. 01 – “Turismo étnico” vs. “Turismo sexual”

A fala da agente de viagens que me contratara pode, por outro lado, nos ajudar a visualizar a desconfiança que tais grupos geralmente despertam no *trade* turístico carioca:

[...] preciso te dizer uma coisa: seu grupo é quase só de homens!
Eu juro que não sabia, vim saber ontem quando a agência de Nova

York me enviou a listagem de passageiros. Bem, quase dez homens sozinhos no Rio de Janeiro pro carnaval... sabemos que eles vêm para sexo, só não sabemos para que lado! Se forem gays, sabemos que comprarão excursões, mas se forem heteros... enfim, se forem heteros você vai pelo menos ter os dias livres para brincar o carnaval!”

De fato, meu grupo do carnaval tinha oito homens e duas mulheres e, a profecia se cumpriria: como se anunciaram enquanto heteros, mais da metade do grupo desapareceu durante a estadia, visto que 60% deles eu só viria a ver novamente durante o traslado de volta para o aeroporto, no dia da saída. Aliás, esta metade nem mesmo aparecera para a excursão que já havia sido paga como parte do pacote. Porém, quatro passageiros apareceram para o *tour* ao Corcovado e ali, tive a possibilidade de começar a pensar em uma possível demarcação dos limites entre o universo dos “etnoturistas” e o dos “turistas sexuais”.

Como se eu não desconfiasse do provável motivo pelo qual os outros seis homens não tinham comparecido ao *tour* do Corcovado, perguntei a uma das mulheres o que acontecera. Esta, visivelmente desapontada, me dissera que os outros estariam provavelmente dormindo, “visto que eram nove horas da manhã e eles teriam passado suas três últimas noites muito ocupados com suas conhecidas na ‘Help’”²⁷. Logo em seguida, a mesma turista me diria:

“Você sabe do que eu estou falando, não sabe? ...pode dizer! Eu estive lá ontem. E foi muito ESCLARECEDOR (*eye-opening*) ter estado lá!... porque ficou muito claro para mim (*it made clear to me*) que os nossos homens, “*African-Americans*”, não

²⁷ Blanchette e Silva já teriam mencionado que “a gerência da Help faz questão de que a boate seja internacionalmente reconhecida como o maior e mais famoso local de encontro entre ‘meninas’ brasileiras e turistas estrangeiros”. Ver Blanchette e Silva (2004a:6-7).

necessariamente preferem mulheres de cor (*colored women*)! Definitivamente não, a partir do que vi com os meus próprios olhos ontem... *VERY EYE-OPENNING!*”

Esta fala denunciou, em princípio, duas coisas: a primeira seria relativa à reprovação feminina com relação ao envolvimento de “negros” americanos no circuito do “turismo sexual”; a segunda seria o desconforto com que esta turista “negra” estava interpretando a não-racialização, por parte de seus pares masculinos, na escolha de suas parceiras na dinâmica do “turismo sexual” carioca.

Foi a partir daí que resolvi dar mais atenção ao “turismo sexual”, por parecer que ali, como ela mesma teria insinuado, algo de “esclarecedor” (*eye-opening*) poderia ser encontrado no que diz respeito às “relações raciais” no Brasil, envolvendo homens “negros” norte-americanos. Afinal, a preferência pela bipolarização começava a se mostrar menos unânime do que parecia. Além do mais, os trabalhos sobre “turismo sexual” no Brasil que conhecia até então, se restringiam àqueles produzidos pioneiramente por Adriana Piscitelli, qual se circunscreve ao mesmo par de oposição utilizado pela historiografia clássica.

Os outros dois trabalhos que utilizo, de Blanchette e Silva, são relativamente novos, e posteriores ao início desta pesquisa. Segundo estes autores, seguindo os passos de Maria Dulce Gaspar no conhecido *Garotas de Programa*, Copacabana seria “uma área entendida no universo carioca como uma região moral tipificada pela presença de prostitutas e estrangeiros”²⁸, em outras palavras, o *locus* do turismo sexual na Cidade Maravilhosa. No entanto, nestes trabalhos tampouco encontramos foco no turista “negro” norte-americano, apesar de encontrá-los mencionados um par de vezes.

Levando em consideração que este *locus* do “Turismo Sexual” se confunde com o do “turismo étnico”, apontarei algumas características que nos ajudem a

²⁸ Idem (2004:2).

delimitar os dois universos. É preciso mencionar que, em momento algum esta delimitação tem a pretensão de esgotar o tema; ela é, sobretudo, um mapeamento inicial das especificidades de cada um destes universos.

Apresentarei, separadamente, os treze itens²⁹ que vejo como relevantes, inicialmente, nesta diferenciação. Discutirei cada um deles, apontando as particularidades referentes a ambos os universos. Vejamos:

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
1	Grupos	Individuais

Primeiramente, observei que, na grande maioria das vezes em que os agentes de viagens brasileiros se referem a “programas étnicos”, se referem também a grupos de turistas com 15 ou mais passageiros. No caso do “turista sexual”, este geralmente viaja sozinho, em duplas ou trios, mas nunca em grupos.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
2	Maior parte composto por mulheres sozinhas ou acompanhadas por membros da família (marido ou filha ou irmã)	Composto somente por homens

Em segundo lugar, foi bem marcante, no caso do turismo étnico, o fato de que a grande maioria dos turistas eram mulheres: dentre os grupos que observei, 74,8% dos turistas eram de sexo feminino³⁰. Segundo a literatura

²⁹ Os treze itens estão apresentados sob a forma de uma única tabela no ANEXO 2 desta comunicação, sob o título de “Quadro comparativo: “Turismo étnico” vs. “Turismo sexual”.

³⁰ Ver ANEXO 1 – Tabela dos grupos utilizados no trabalho de campo.

produzida no Brasil até então, o turismo sexual tem se circunscrito ao universo masculino, não se tem notícia de mulheres praticantes de turismo sexual no Rio de Janeiro. Este fato é revelador, porque mostra que o universo dos turistas “negros” norte-americanos no Rio de Janeiro está subdividido a partir de um recorte de gênero, em que o “étnico” é basicamente composto pelo feminino, enquanto o “sexual” é exclusivamente composto pelo masculino.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
3	Têm programas turísticos intensos.	Visitam o Corcovado e/ou Pão de Açúcar, quando muito.

Outro fator importante a ser considerado é a intensidade dos programas de turismo “étnico”, nos quais os turistas têm programações diárias que ocupam a maior parte de seus dias. Já o “sexual” se circunscribe à área da “baixa Copacabana” e, na grande parte das vezes, não está vinculado a nenhum programa turístico diário. Eles passam a noite nas danceterias de prostituição, principalmente na “Help”, e geralmente passam as manhãs dormindo.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
4	Demonstram interesse de retornar, no futuro.	Retornam várias vezes ao Rio de Janeiro, com intervalos médios de 6 a 12 meses, entre uma estadia e outra.

Os “etno” demonstram o interesse de retornar no futuro, não necessariamente pontuando quando. Já os “sexuais” retornam com certa assiduidade, pelo menos uma vez ao ano. No dia da saída para o aeroporto, do grupo com o qual trabalhei no carnaval 2005, fui informado a razão pela qual a

maioria dos homens não terem comparecido à excursão ao Corcovado: “já conheciam o Rio muito bem, visto ser aquela a quarta ou quinta vez que cada um deles vinha à cidade nos últimos três anos”.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
5	Difícilmente têm envolvimento afetivo-sexual com os brasileiros.	O interesse sexual é o objetivo central da viagem, que algumas vezes resulta em envolvimento afetivo.

Devido ao pouco tempo livre disponível pelos turistas de roteiros “étnicos”, existe pouca possibilidade de envolvimento afetivo-sexual com os brasileiros. Ao passo que, no “sexual” este é o principal motivo da viagem, ainda que na maioria dos casos se restrinja à prostituição

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
6	Ficam hospedados em hotéis 4 ou 5 estrelas, na grande maioria das vezes.	Alugam apartamentos por temporada, principalmente nas proximidades da discoteca “Help”.

Todos os grupos que observei durante meu trabalho de campo ficaram hospedados em hotéis de quatro ou cinco estrelas, que já faziam parte de seus pacotes. No entanto, estes estabelecimentos têm, freqüentemente, impedido a entrada de acompanhantes (leia-se garotas de programa) nos quartos, o que tem feito com que os turistas sexuais cada vez mais aluguem apartamentos por temporada, nas proximidades da “Help”. Assim, podem levar quem e quantos acompanhantes quiserem.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
7	Têm interesse pela herança africana contida na sociedade brasileira.	Têm interesse pelo sexo com mulheres brasileiras, aparentemente não se importando com a “cor” das parceiras.

O discurso dos “etnoturistas”, durante todo o meu campo, foi norteado pelo interesse em conhecer as raízes africanas na cultura brasileira. Existe uma sobrevalorização do que é “negro” na reconhecida miscigenação da população do Brasil. Já no que diz respeito aos “turistas sexuais” não parece existir restrições ou imposições no que diz respeito à cor.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
8	Reconhecem a mistura mas criticam as “relações raciais” no Brasil, no que tange à não-racialização.	Acham que a mistura racial é a característica central da sociedade brasileira, parecendo não se importar com esta questão.

Os turistas do turismo “étnico” criticam o “ideal de democracia racial” pelo fato de, segundo eles, não refletir uma democracia econômica. Consideram que o fato de não existir uma “sociedade afro-brasileira” impede que os “negros” se ajudem entre si para melhorar sua condição econômica. Já os turistas “sexuais” afirmam entender que a sociedade brasileira seja assim, miscigenada.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
9	O período médio de estadia é de	Estadia média de uma a duas

	7 a 10 dias, dentre os quais aproximadamente 4 dias dedicados ao Rio de Janeiro.	semanas.
--	--	----------

Como pude observar, os pacotes turísticos ditos “étnicos”, geralmente designam aproximadamente de 7 a 10 dias para os programas. Já os “turistas sexuais” permanecem um mínimo de uma semana, na maioria das vezes, podendo chegar a duas semanas.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
10	Visitam o Rio de Janeiro e Salvador, na maioria dos programas.	Visitam especificamente o Rio de Janeiro.

A diferença quanto ao tempo de estadia fica significativa ao observarmos que os etnoturistas, na grande maioria das vezes, visitam as cidades de Salvador e Rio de Janeiro, o que resulta em uma média de 4 dias de estadia na Cidade Maravilhosa, ao passo que os turistas “sexuais” passam seu tempo integralmente no Rio, na grande maioria das vezes.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
11	Exigem serviços prestados por brasileiros “afro-descendentes”.	Não se importam com a variedade étnica das prestadoras de serviços.

Uma das exigências mais comuns feitas pelos “etnoturistas” é que os prestadores de serviços utilizados sejam “afro-brasileiros”, o que, segundo eles, é uma forma de dar oportunidade econômica para essa parcela da população brasileira. Os turistas sexuais, no entanto, dizem não ter preferência por uma “cor” específica, afinal o Brasil é o país da miscigenação.

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
12	Criticam o que chamam de “daltonismo racial” no Brasil, pondo em xeque a invisibilidade com que as “relações raciais” são tratadas.	Apreciam a “invisibilidade” com que transitam pelo Rio de Janeiro.

Os “etnoturistas” reclamam do fato de que sua própria raça não é reconhecida no Brasil. Segundo eles, parece que sua “cor” não é reconhecida, e consideram isso como uma deficiência no Brasil de reconhecer a existência de “negros”, como se existisse um “daltonismo racial” que impedisse ver a sua “cor”. Os turistas sexuais parecem transitar livremente no mercado afetivo-sexual do Rio de Janeiro. Ambos apontam a inexistência de foco, por parte dos brasileiros, no que diz respeito à “raça”. Uma certa invisibilidade. Porém, interpretam de formas opostas: para os “etnoturistas” é negativo, porque parece negligenciar sua “negritude”; para os turistas “sexuais”, é positivo porque permite a mesma mobilidade que os outros turistas

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
13	A faixa etária média está entre	A faixa etária média está entre 30

	40 e 65 anos.	e 45 anos.
--	---------------	------------

A faixa etária média do turista que vem para o Rio de Janeiro para conhecer a herança africana está entre 40 e 65 anos; já os turistas que vêm em busca de sexo, aparentam, geralmente, entre 30 e 45 anos.

Esses foram alguns itens que, apesar de não fazerem muita diferença isoladamente, quando combinados permitem ver com maior clareza os dois universos separadamente. Obviamente que estas não são classificações estáticas, e podem variar de acordo com casos específicos; no entanto, a incidência de características de um ou outro grupo nos ajuda a visualizar o propósito da viagem do turista. Em síntese, se um homem “negro” norte-americano estiver visitando o Rio de Janeiro com outros propósitos que não os do “turismo sexual”, sua viagem muito provavelmente estará mais próxima das características do “etnoturista”.

Conclusão

Minha intenção, nesta comunicação, foi propor um esboço inicial para a diferenciação entre os turistas “negros” que visitam o Rio de Janeiro, tentando delimitar os universos de dois grupos distintos: o do “turismo étnico” e o do “turismo sexual”. Esta demarcação se fez necessária, visto que várias vezes, durante meu trabalho de campo, pareceu existir, entre os brasileiros, a idéia equivocada de que o primeiro estaria diretamente ligado ao segundo. Na realidade, além de se tratarem de grupos distintos, também são formados por públicos diferentes. O “turismo étnico” é majoritariamente composto por mulheres, visto que aproximadamente 75% do público dos 18 grupos que fizeram parte da minha pesquisa era de turistas do sexo feminino. Já o “Turismo sexual”, segundo a bibliografia disponível até o momento, é basicamente formado por homens. Isto aponta, de fato, que o “turismo étnico” possui um certo referencial de gênero que o confronta com o “turismo sexual”.

Bibliografia

- BARBOSA, R. Mercado de grupos étnicos. Artigo publicado no O Globo em 14/09/2004. Rio de Janeiro, O Globo, 2004.
- BLANCHETTE, T. e SILVA, A.P. Nossa Senhora da Help: Sexo, Turismo e Deslocamento Transnacionais em Copacabana. Apresentação na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Recife, 2004a.
- _____. A mistura clássica; o apelo do Rio de Janeiro como destino para o turismo sexual. Rio de Janeiro, Leitura crítica, 2004b.
- FRY, P. Feijoada e soul food 25 anos depois. In: ESTERCI, N., FRY, P. e GOLDENBERG, M. (org.). Rio de Janeiro, DP&A, 2001.
- HARRIS, M. Town and Country in Brazil. New York, W. W. Norton & Company INC., 1971.
- HELLWIG, D. African-American Reflections on Brazil's Racial Paradise. HELLWIG, D. (org.). Filadélfia, Temple University Press, 1992.
- MOUTINHO, L. Razão, "Cor" e Desejo: Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais "inter-raciais" no Brasil e na África do Sul. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, PPGSA/IFCS/UFRJ, 2001.
- PINHO, P. Pesquisando o Turismo étnico na Bahia: O Atlântico Negro Sul como fonte para o Atlântico Negro Norte. Paper. Senegal, Colóquio Internacional Atlântico Negro, 2002.
- _____. African-American roots tourism in Bahia, Brazil: examining transnational black relations.
- PISCITELLI, A. Visões imperiais: gênero e sexualidade no contexto do turismo sexual internacional em Fortaleza. Meeting of the Latin American Studies Association. Washington DC, 2001.
- _____. Exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. Campinas, Cadernos Pagu (19), 2002.
- _____. Sexo tropical: comentários sobre gênero e "raça" em alguns textos da mídia brasileira. Campinas, Cadernos Pagu (6-7), 1996.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação e realidade. ..., 1995, pp. 71-79.

VANCE, C. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. Rio de Janeiro, Physis – Revista de Saúde Coletiva, 1995, pp.7-31.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. (org.). A aventura sociológica. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: G. L. LOURO (org). O corpo educado – pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 1999.

ANEXO 1 – Tabela dos grupos utilizados no trabalho de campo

	PERÍODO	NOME	AGÊNCIA USA/BRASIL	H	%	M	%	TOTAL
01	19/03 a 22/03/03	Radio Station – WBLS 2003	Trendsetters/BGT	69	31,2	152	68,8	221
02	18/08 a 21/08/03	Boa Morte 2003	Consolidated/Walpax	03	15,0	17	85,0	20
03	12/09 a 15/09/03	The African Heritage Tour	South Star/Havas	05	22,7	17	77,3	22
04	16/10 a 18/10/03	Afro-Heritage	South Star/Havas	06	24,0	19	76,0	25
05	20/11 a 22/11/03	Zumbi 2003	Consolidated/Walpax	13	22,0	46	78,0	59
06	25/02 a 01/03/04	Heritage Tour 2004	Equator3 tours/Blumar	05	26,3	14	73,7	19
07	20/03 a 23/03/04	Radio Station – WBLS 2004	Trendsetters/BGT	15	27,8	39	72,2	54
08	08/07 a 12/07/04	Brasil is Paradise/D'zert Club	Trendsetters/BGT	09	19,6	37	80,4	46
09	17/08 a 20/08/04	Boa Morte 2004	Consolidated/Walpax	04	33,3	08	66,7	12
10	02/10 a 05/10/04	Soul Planet	Brazil Nuts/BIT	02	10,6	17	89,4	19
11	29/10 a 01/11/04	Celebration to Life	Brazil Nuts/BIT	04	06,6	57	93,4	61
12	05/11 a 09/11/04	Fairview Greenburgh	Brazil Nuts/BIT	07	16,7	35	83,3	42
13	12/11 a 15/11/04	Zumbi (Dumas & White) '04	Consolidated/Walpax	06	28,6	15	71,4	21
14	24/11 a 26/11/04	Inspection/GRP KJLH	South Star/Havas	01	50,0	01	50,0	02
15	04/02 a 09/02/05	Gerena Carnival Group	Brazil Nuts/BIT	08	80,0	02	20,0	10
16	09/02 a 13/02/05	Heritage Tour 2005	Equator3/Blumar	08	36,4	14	63,6	22
17	16/03 a 20/03/05	Ministry in Global Perspective	Consolidated/Walpax	02	20,0	08	80,0	10
18	23/03 a 26/03/05	Radio Station – KJLH (L.A.)	South Star/Havas	16	30,8	36	69,2	52
TOTAL				165	25,2	490	74,8	655

ANEXO 2 - Quadro comparativo: “Turismo étnico” vs. “Turismo sexual

Quadro Comparativo

	“Etnoturistas”	“Turistas Sexuais”
1	Grupos	Individuais
2	Maioria mulheres	Somente homens
3	Têm programas turísticos intensos	Maior parte do tempo livre
4	Interesse em retornar no futuro	Retornam várias vezes
5	Difícilmente se envolvem (afetivo-sexual)	Interesse sexual é o objetivo da viagem
6	Hotéis 4 ou 5 estrelas	Apartamentos por temporada
7	Interesse pela herança africana	Interesse por sexo com brasileiras
8	A mistura / criticam a não-racialização	A mistura / parecem não se importar
9	Aproximadamente 4 dias no Rio	De uma a duas semanas
10	Combinam Rio + Salvador	Especificamente o Rio
11	Mão-de-obra afro-descendente	Não se importam
12	Criticam o “daltonismo racial” no Brasil	Apreciam a “invisibilidade” com que transitam
13	Entre 40 e 65 anos	Entre 30 e 45 anos